

Um mês tranquilo

por Mário Soares

Terminam as férias com o final de Agosto, embora haja portugueses que façam férias em Setembro, por as praias, os restaurantes e os hotéis estarem menos cheios. Ao contrário do que se pensava, foram férias calmas, excepção feita da calamidade dos incêndios, apesar do trabalho incansável dos bombeiros, da GNR e dos pilotos dos helicópteros. No entanto, como aqui assinaei num artigo anterior, é preciso e urgente reforçar as medidas preventivas, defender as florestas e obrigar os proprietários das terras que estão abandonadas aos matos – e que são pólvora – a limpá-las ou deixá-las limpar pelos serviços públicos ou municipais, contra um pagamento mínimo.

Quando digo que as férias foram calmas refiro-me, naturalmente, ao plano político e social. Depois da guerrilha partidária que se seguiu às últimas eleições legislativas – e à constituição de um governo minoritário – ter havido comentadores convencidos de que o governo Sócrates dificilmente se aguentaria. Não foi o que sucedeu, porque depressa as pessoas se aperceberam que a nenhum partido da Oposição – apesar da linguagem desabrida que faziam gala em utilizar – convinha deitar o Governo abaixo ou encontrar uma solução de substituição. Mesmo o mais forte partido da Oposição, o PSD, que ficaria exposto a um desastre fatal, com consequências graves – e pesadíssimas – para o seu próximo futuro, se aceitasse ser governo, no actual momento de crise global.

Ao actual Presidente da República e provável Candidato a um segundo mandato, também não conviria nada deixar que o País enfrentasse mais uma crise política, provavelmente demorada, com todas as consequências políticas negativas que daí adviriam. O eleitorado percebeu claramente, com a argúcia que lhe é habitual, que a situação não comportava mudanças. E, foi para férias tranquilas, na convicção de que o Governo Sócrates, quer os adversários gostassem ou não, está, como se diz, de pedra e cal. Daí, também, que não houvesse especial agudização dos conflitos sociais, como alguns chegaram a prever ser inevitável. Pelo contrário, o Verão foi socialmente calmo, com algum aumento do emprego sazonal, uma pequena subida das exportações e todas as habilidades dos desempregados, que recebem pequenos subsídios do Estado e se habituaram a fazer uns biscates eventuais, paralelos, sem passar sequer recibo, sobretudo nas zonas estivais e junto ao mar.

É uma das formas que explica por que razão houve tantas pessoas a deslocar-se na época de férias, apesar da crise, com a família e a participar alegremente em acontecimentos festivos, festas desportivas e acampamentos de vária ordem. A verdade é que uma grande parte das pessoas continua a não sentir a crise. Mesmo os sindicalistas também fizeram férias – e estão no seu direito – e não se sentiu que houvesse nem grandes manifestações hostis ou conflitos sociais. Houve talvez, isso sim, um aumento da criminalidade, assaltos, roubos, etc., mas, ao que dizem, realizados, principalmente, por falsos turistas estrangeiros...

O governo não tem estado parado.

Diga-se, em abono da verdade, que nem o Governo nem as lideranças da Oposição têm estado paradas. Estão obviamente a organizar o próximo ano, a reflectir sobre o Orçamento de Estado para 2011 que não é seguramente uma tarefa fácil, quer em função das exigências de Bruxelas – ou melhor, para ser rigoroso, da Alemanha – quanto à redução do deficit externo e do endividamento, público e privado, quer em relação aos objectivos anunciados e fundamentais do Governo: redução do desemprego, manutenção dos serviços sociais públicos, tendencialmente, gratuitos, como o Serviço Nacional de Saúde, que é, sem dúvida, um dos pilares essenciais da nossa Democracia.

O PS orgulha-se, legitimamente, desse serviço, que foi uma criação sua. Mas não só. Ainda há dias os jornais publicaram um excelente Manifesto em defesa do S.N.S., vindo de várias famílias políticas e subscrito por eminentes figuras da Medicina Portuguesa. Nele se faz o justo elogio do Serviço Nacional de Saúde português, que aliás é hoje reconhecido, no estrangeiro, como dos melhores europeus. É certo que há dois aspectos que preocupam os meios médicos: o desmantelamento das carreiras médicas hospitalares, que talvez tenha sido um erro grave e o número de empresas privadas que “vendem” médicos estrangeiros ao S.N.S., cujo mérito é, às vezes, contestado.

Porém, para além do Serviço Nacional de Saúde há, no plano social, o esforço feito no domínio da Educação, em todos os planos, e da Ciência – que modificou as mentalidades e o nível cultural dos portugueses – da Segurança Social, em especial para os mais idosos e para os mais desfavorecidos; a

dignificação do trabalho, tudo, conquistas sociais a que os diferentes Governos do PS estão tão ligados e que não abandonam, mesmo em situação de crise. Sócrates assim o disse – e muito bem – com a coragem e a determinação habituais.

Note-se, aliás, que não estando ainda definida e suficientemente divulgada uma estratégia global do Governo para sair da crise – que resultará clara, espero, uma vez aprovado o próximo Orçamento Geral do Estado – o Governo tem sido incansável, desdobrando-se em múltiplas iniciativas para valorizar as nossas exportações, sobretudo em países estrangeiros não europeus e em atrair investimentos para Portugal, recuperando assim algumas empresas e fábricas já em estado de falência. Num ponto tem sido menos feliz: nos cortes que devia já ter feito no despesismo do Estado, das Regiões Autónomas e dos Municípios. Aí há muito a fazer, dada a multiplicação dos Serviços das respectivas administrações e das comissões criadas a latere, que desmotivam as Direcções Gerais. O que é grave.

Neste período de Setembro, em que estão geralmente programados, pelos Partidos, debates e reuniões de análise sobre a situação do país, era útil que as principais questões que se nos põem, a nível nacional (e não apenas partidárias) pudessem ser objecto de divulgação aberta para conhecimento público. Em vez dos comentadores habituais que se repetem nas televisões e que difundem, todos os dias, o pessimismo mais derrotista.

O maior partido da Oposição

O novo líder da Oposição, Pedro Passos Coelho, iniciou com muito bom senso e inteligência o seu mandato. Comentei-o, nesta mesma coluna, quando começou a aparecer e na primeira abordagem pública que teve com o seu rival Sócrates. Não me enganei, como as primeiras sondagens comprovaram. Mas, estranhamente, foi sol de pouca dura. Lançou-se a defender uma Revisão Constitucional, sem sentido, no actual momento, inspirado por figuras sem grande passado no PSD, com particular falta de senso e uma inclinação visível para a Direita. Ignorou a questão da Justiça – a mais desacreditada no actual momento e, portanto, a que mais urgentemente devia ser mexida – e ignorou questões sociais particularmente importantes, aos olhos do eleitorado em geral. Daí ter entrado, logo a seguir, em queda. No entanto, nas últimas intervenções voltou à sua sensatez inicial e, no comício do Pontal, embora com algumas ameaças – inúteis, porque aliás não as poderá concretizar – voltou a um estilo moderado, que lhe fez marcar novos pontos.

Era bom, do ponto de vista nacional, que os líderes dos dois maiores Partidos se pudessem entender, entre si, num momento tão difícil como o actual. Sempre fui um homem de Partido e sei que os Partidos são essenciais em Democracia, embora não a esgotem. Mas isso nunca me impediu de perceber que há momentos em que o interesse nacional deve ser posto acima de tudo. E este, é um deles.

A expulsão dos ciganos de França

O descrédito da política de Sarkozy, saltitante e à deriva, em matéria de segurança e de emigração, particularmente discriminatória contra os ciganos, tem vindo a criar muitos anti-corpos, a ponto da revista francesa do centro direita, Le Point, perguntar, no seu último número de Agosto: "Terá Sarkozy perdido já a eleição presidencial de 2012?". Os socialistas franceses mostram estar de vento em popa.

Com efeito, para além das Nações Unidas que não hesitaram em criticar a França, pela discriminação inaceitável contra os ciganos – numa terra que sempre se considerou respeitadora dos Direitos Humanos – as homilias das diferentes Igrejas Cristãs, pronunciou-se também o Papa Bento XVI, contra a discriminação cultural e social, que sofrem os ciganos, expulsos de França e que perdem a nacionalidade francesa já concedida, se forem objecto de qualquer suspeita de crime, mesmo considerado pouco grave.

É possível que uma parte da Direita francesa, chauvinista e, particularmente xenófoba, simpatize com a política securitária do Presidente Sarkozy. Mas, apesar dessa intolerável política francesa se ter propagado por alguns outros países europeus, como a Itália e até a Alemanha, para não falar, sobretudo, dos países do Leste, não deixa de constituir um descrédito irreparável para o prestígio da França no Mundo. Não obstante o primeiro-ministro, François Fillon, do Governo Sarkozy, ter feito o que pode, com enorme bom senso, para evitar estragos maiores...

Nesse aspecto, nós, portugueses que, tradicionalmente, fomos um País de emigrantes, desde as especiarias de África, da Índia ao ouro e às pedras preciosas do Brasil e, nos últimos tempos da Ditadura, em França, Reino Unido, Suíça, Luxemburgo, Alemanha, etc. – e que hoje somos um país

que recebe imigrantes, vindos de diferentes procedências – podemos-nos orgulhar da forma avançada e humanista como recebemos os imigrantes e, regra geral, os acolhemos.

Vau, 30 de Agosto de 2010